

## IDEOLOGIA E VALORAÇÃO/AVALIAÇÃO SOCIAL: REVISITANDO CONCEITOS NA PERSPECTIVA DIALÓGICA

**Rodrigo ACOSTA PEREIRA**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Nívea ROHLING**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Resumo:** O presente artigo revisita conceitos fundantes no quadro conceitual do Círculo de Bakhtin, tais como: ideologia, valoração/avaliação social, signo ideológico (BAKHTIN, 2003 [1979]; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017[1930]; MEDVIÉDEV 2012 [1929]). Além disso, amplia o debate no sentido de discutir caminhos teórico-metodológicos que contribuam para os estudos do discurso, em especial, para o que tem se denominado, no Brasil, de Análise Dialógica do Discurso. Para tanto, apresenta, em linhas gerais, uma discussão sobre elaboração didática para aulas de Língua Portuguesa, em contexto de Educação Básica, à luz da teorização em tela a fim de pensar uma articulação entre as noções de ideologia, valoração/avaliação social, estilo e expressividade dos enunciados.

**Palavras-Chave:** Ideologia. Valoração social. Estudos dialógicos.

## IDEOLOGY AND EVALUATION/SOCIAL VALUATION: REVIEWING CONCEPTS IN DIALOGIC PERSPECTIVE

**Abstract:** This article revisits foundational concepts within the Bakhtin Circle conceptual framework, such as: ideology, social valuation /evaluation, ideological sign (BAKHTIN, 2003 [1979]; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017 [1930]; MEDVIÉDEV 2012 [1929]). In addition, it broadens the debate in order to discuss theoretical and methodological paths that contribute to discourse studies, especially to what has been called, in Brazil, Dialogic Discourse Analysis. To this end, it presents, in general, a discussion about the didactic elaboration for Portuguese Language classes, in the context of Basic Education, in the light of the theorization on screen in order to think about an articulation between the notions of ideology, valuation/social evaluation, style and expressiveness of statements.

**Keywords:** Ideology. Social valuation/evaluation. Dialogic studies.

## IDEOLOGÍA Y VALORACIÓN/EVALUACIÓN SOCIAL: REVISIÓN DE CONCEPTOS EN LA PERSPECTIVA DEL DIALOGISMO

**Resumen:** Este artículo revisa conceptos fundamentales dentro del marco conceptual del Círculo de Bakhtin, tales como: ideología, valoración / evaluación social, signo ideológico (BAKHTIN, 2003 [1979]; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017 [1930]; MEDVIÉDEV 2012 [1929]). Además, amplía el debate con el fin de discutir caminos teóricos y metodológicos que contribuyen a los estudios del discurso, especialmente a lo que se ha llamado, en Brasil, Análisis del discurso dialógico. Con este fin, presenta, en general, una discusión sobre la elaboración didáctica de las clases de lengua portuguesa, en el contexto de la Educación Básica, a la luz de la teorización en pantalla para pensar en una articulación entre las nociones de ideología, valoración / evaluación social, estilo, y expresividad de las declaraciones.

**Palabras-clave:** Ideología. Valoración social. Estudios dialógicos.

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o uso da palavra *ideologia* tem sido uma constante no debate público brasileiro de modo que cotidianamente, ao ler textos-enunciados<sup>1</sup> que circulam nas páginas digitais, observamos seu uso como, por exemplo, no título de editorial no *O Globo* em 2015: “Política e ideologia na crise universitária”<sup>2</sup>; “Universidades públicas: falta de verba, ideologia e soluções”<sup>3</sup>, reportagem da Gazeta do Povo (22/05/2019); ou na matéria “Bloqueio de verba de universidade por motivo ideológico fere Constituição”, publicado na Folha de S. Paulo (30/04/2019)<sup>4</sup>.

Tais textos-enunciados apontam para a polissemia no uso do termo *ideologia* e evidenciam um léxico marcado axiologicamente, constituindo um signo. Volochínov (2013 [1930], p. 193) diz que “a palavra, por sua própria natureza intrínseca, é desde o início um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser signo.”. E, ainda, “a palavra, sendo um fenômeno *ideológico*, é ao mesmo tempo parte da realidade material” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p.194, grifos do autor).

<sup>1</sup> Compreendemos que, na abordagem dialógica, texto e enunciado compartilham das mesmas feições constitutivo-funcionais.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/politica-ideologia-na-crise-universitaria-17266499>. Acesso em: 24/05/2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-publicas-falta-de-verba-ideologia-e-solucoes/>. Acesso em: 24/05/2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/bloqueio-de-verba-de-3-universidades-federais-e-ilegal-e-ignora-desempenho.shtml>. Acesso em: 24/05/2019.

Vale destacar também que a palavra *ideologia* é geralmente usada num sentido negativo, como mascaramento ou ocultamento do real, conforme observa Faraco (2013). Sendo, assim, há, em circulação social, um uso carregado de sentidos negativos e nebulosos. É possível aventar que o termo *ideologia*, no debate corrente, funciona como signo, já refratado, valorado, encharcado de opiniões e valores de grupos sociais, ou seja, os sentidos que envolvem esse uso são construídos a partir da historicidade e da interdiscursividade. Por isso, Faraco (2009; 2013) já afirmava que *ideologia* é uma palavra (mal) dita.

A despeito desse sentido negativo, no campo dos estudos do discurso, *ideologia* é, pois, um conceito fundacional. E, assim sendo, é preciso sempre dizer o conceito de *ideologia* com que se está operando na pesquisa haja vista a flutuação dessa noção no interior dos diferentes enquadres epistemológicos (FARACO, 2013). O que podemos pensar como mais ou menos consensual é que, nas diferentes abordagens de estudos do discurso, esse conceito assume um lugar destacado, sendo, pois, imprescindível nos processos analíticos<sup>5</sup>.

A partir disso, este artigo focaliza um conceito particular do Círculo, a saber, *ideologia* - que está intrinsecamente ligado a outros conceitos-chave como horizonte apreciativo, signo e valorização/avaliação social. O objetivo maior é revisitar as discussões/explicações sobre esses conceitos, nos escritos do Círculo, a fim de apontarmos caminhos teórico-metodológicos que contribuam para os estudos do discurso, em especial, para o que tem se denominado, no Brasil, de Análise Dialógica do Discurso, campo de estudos enunciativo-discursivos, caracterizado como respostas de interlocutores contemporâneos aos escritos do Círculo. Ao fim, propomos uma discussão sobre elaboração didática para aulas de Língua Portuguesa em contexto de Educação Básica à luz das considerações anteriores.

Para tanto, iniciamos situando especificamente *ideologia* e *valorização/avaliação social* nos escritos do Círculo de Bakhtin; e por fim, apresentamos uma proposta para elaboração didática, de base dialógica, a fim de evidenciar como o horizonte ideológico-valorativo se

---

<sup>5</sup>Vem se mostrando como uma agenda de pesquisa, nos estudos discursivos, o trabalho de estabelecer aproximações, filiações, apropriações, distanciamentos de uma teoria em relação a outra teoria de discurso que giram em torno de conceitos como: discurso, enunciado, interdiscurso, dialogismo e ideologia, foco desta reflexão. Além de ser um conceito analítico, ele é também tomado para fins de cotejamento, comparações, aproximações e distanciamentos nas diferentes abordagens de estudos do discurso.

materializa no signo por meio de exemplares de textos-enunciados, com enfoque na inter-relação entre a expressividade do enunciado e o estilo do gênero do discurso.

## 2. IDEOLOGIA E VALORAÇÃO/AVALIAÇÃO SOCIAL NOS ESCRITOS DE VOLOCHÍNOV, MEDVIÉDEV E BAKHTIN

No Círculo de Bakhtin, opera-se com a noção de *ideologia* de modo descritivo e não depreciativo ou negativo. No conceito de *ideologia* proposto pelo Círculo, há uma presença marcada pelos preceitos oriundos do marxismo oficial, porém, é estabelecida uma nova elaboração sobre o tema, transcendendo a elaboração marxista. A acepção de *ideologia*, ancorada na leitura marxista – da qual Bakhtin se distancia –, é a de ideologia como *falsa consciência*, um ocultamento do real, um disfarce, um mascaramento da realidade social (SILVA, 2012). Ou, como “escurecimento e não-percepção da existência das contradições e da existência de classes sociais, promovidas pelas forças dominantes, e aplicada ao exercício legitimador do poder político e o organizador de sua ação de dominar e manter o mundo como é.” (MIOTELLO, 2007, p.168). Sobre a definição, a explicação mais explícita do conceito de ideologia no conjunto de escritos do Círculo, encontra-se no ensaio de Volochínov, *Que é linguagem*, datado de 1930, em uma nota de rodapé.

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que se *sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas *sígnicas*. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p.138, grifos do autor).

A partir dessa citação, podemos compreender que, para o Círculo de Bakhtin, a ideologia se constitui no terreno *interindividual*, pois sua particularidade reside no fato de que se situa entre indivíduos organizados socialmente e se materializa por meio da linguagem. Nesse sentido, uma questão importante a ser pontuada é que há uma materialidade em que se manifesta a *ideologia*, isso porque, como afirma Medviédev (2012 [1928]), cada produto ideológico e seu significado não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos etc.

Faz-se necessário então compreender o estatuto do signo como ideológico, uma vez que “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em

outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. De outro lado, “tudo o que é ideológico possui significação *sígnica*” (VOLÓCHINOV, 2017[1930], p.93, grifos do autor).

Para o Círculo, a ideologia é semiotizada no signo, constituído nas interações sócio-históricas, isso porque o lugar do fenômeno ideológico é o material social particular de signos criados pelo homem nas interações sociais (VOLÓCHINOV, 2017 [1930]). A realidade dos fenômenos ideológicos coincide com a realidade *sígnica*, pois “o caráter *sígnico* é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017 [1930], p.94, grifos do autor).

O signo é a materialização da comunicação social, e tal processo se dá quando um objeto entra no horizonte social de um grupo e desencadeia uma reação semiótico-ideológica. Para isso, o signo precisa estar ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material (VOLÓCHINOV, 2017 [1930]). Assim, o signo apresenta uma faceta material (semiótica) composta de som, massa física, cor, movimento do corpo, etc. (VOLÓCHINOV, 2017 [1930]). Ele é objetivo e passível de estudo, trata-se da faceta material que, na interação entre os sujeitos socialmente organizados, adquire função ideológica.

Assim, a ideologia está ligada a um sistema de signos, que reflete e refrata determinada realidade socialmente construída.

Nessa discussão, vale retomar a formulação de ideologia oficial e ideologias cotidianas para o Círculo. A ideologia formalizada/oficial apresenta certa estabilidade em seus conteúdos, uma vez que se trata de conteúdos ideologicamente conformados. Porém, em Bakhtin, não há uma prevalência irrestrita da ideologia oficial sobre os sistemas ideológicos, mas sim uma dinâmica dialógica, viva e intensa entre esta [ideologia formalizada/oficial] e o outro conjunto de conteúdo ideológico, as ideologias do cotidiano. As ideologias do cotidiano, por seu turno, são delineadas por como aquelas que penetram integralmente o nosso comportamento, pois “[...] é mais sensível, compreensiva, nervosa, móvel que a ideologia enformada, ‘oficial’” (BAKHTIN, 2009[1927], p.88, grifo do autor).

É no signo que se refratam axiologias/valorações/avaliações sociais. Conforme discute Ponzio,

[...] no signo ideológico está sempre presente uma “acentuação valorativa”, que faz com que o mesmo não seja simplesmente expressão de uma “ideia”, mas a expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta. (PONZIO, 2008, p.112-115, grifos do autor).

O horizonte valorativo dos grupos socialmente organizados de determinada época integra-se ao signo, ou seja, agrega-se ao signo um ponto de vista, uma posição axiológica/avaliativa. Sendo, pois também uma posição axiológica/avaliativa, o signo não só reflete uma realidade, mas também refrata uma outra. Destaca-se aqui a noção de refração, uma vez que o signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade (VOLÓCHINOV, 2017[1930]). Ou, ainda, “qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente *refrata* todos os fenômenos da vida social” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p.195, grifo do autor).

Medviédev (2012 [1928]) explica, em relação à valoração/avaliação social, é esta que reúne/integra a materialidade da palavra como a constituição de seu sentido. Em outras palavras, o valor social, um determinado índice social de valor, é o que engendra reflexos e refrações da realidade ao sentido ideologicamente constituído da palavra (palavra enquanto signo ideológico, uma palavra-enunciado).

O signo como lugar dessa refração ideológica e da acentuação valorativa se apresenta em certa materialidade linguageira – sinalizando para a noção de enunciado concreto, como explica Medviédev (2012 [1928]), uma palavra-enunciado. Para o autor, todo enunciado é um ato social e, por ser, não pode ser separado do acontecimento da comunicação. Dessa forma, “[...] o próprio sentido da palavra-enunciado passa a fazer parte da história por meio do ato individual de sua realização e torna-se um fenômeno histórico.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.184). É a partir dessa relação entre palavra-enunciado e historicidade que o autor nos explica acerca da valoração/avaliação social:

Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. Pois é a avaliação social que atualiza o enunciado tanto no sentido da sua presença fatural quanto no seu significado semântico. Ela determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e a sua combinação individual nos limites do enunciado. Ela determina, ainda, a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles. De fato, é impossível compreender um

enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.184-185)

Como bem explica Medviédev (2012 [1928], p.185), sobre a relação de interconstituição entre ideologia e valoração/avaliação social, “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...]. No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social.”

Com base nessas considerações, podemos fazer um quadro ilustrativo, delineando as principais considerações a respeito da ideologia e da valoração/avaliação social nos escritos do Círculo:

**Quadro 01:** A ideologia e a valoração/avaliação social

Ideologia	Valoração/avaliação social/avaliação social
1. Conjunto de reflexões e interpretações da realidade social;	1. Elemento que integra a materialidade da palavra e o seu sentido;
2. Sistema de concepções, orientado por interesses de um grupo ou uma classe social, baseado em valores;	2. Atualidade histórica que integra o enunciado e sua potencialidade de sentido;
3. Valores que condicionam comportamentos e atitudes e orienta a práxis;	3. Individualização, concretude e situacionalidade do sentido do enunciado;
4. “[...] parte de uma realidade natural e social [...]” (VOLOCHINOV (2017[1929], p. 91);	4. Matriz de seleção/escolha dos recursos linguísticos nos limites do enunciado;
5. Constituição dialética, estabelecida na relação com o mundo, com a vida;	5. Matriz de seleção/escolha do conteúdo e da forma composicional do enunciado;
6. Compreensão da organização da estrutura social e de suas regulações cronotópicas;	6. Atmosfera axiológica do enunciado;
	7. Orientação avaliativa no meio ideológico de

- |   |   |
|---|---|
| 7. Sustentação das relações sociais que são externas ao sujeito, refletidas e refratadas por meio de signos;      | qualquer enunciado;   |
| 8. Constituição sígnica das palavras, compreendidas como signo social e ideológico;                               | 8. Matriz que regulariza a fisionomia sócio-histórica e seus efeitos na interação;  |
| 9. Reflexão e refração da realidade que lhe é exterior;   | 9. Caráter expressivo do enunciado;   |
| 10. Ciência das ideias;   | 10. Expressão mais pura e típica da entoação;   |
| 11. Expressão das tomadas de decisões e da práxis;  | 11. Gesto valorativo do enunciador em relação ao enunciado de outrem;   |
| 12. Intersecção de interesses sociais orientados de diferentes formas em uma mesma comunidade sígnica;            | 12. Horizonte de valores que consubstanciam os sentidos da interlocução;  |
| 13. Materializa-se na linguagem; por isso a linguagem nunca é neutra. Ela reflete e refrata sempre uma ideologia. | 13. “[...] mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta. A avaliação social [a valoração/avaliação social] determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido.” (p. 189) |

---

Fonte: Acosta Pereira; Rodrigues; Costa-Hübes (2019, p. 352-362)

A partir das considerações anteriores, compreendemos que a ideologia está presente em todo ato de interação humana, perpassando a linguagem por meio da acentuação valorativa/avaliativa dos signos. Em suma, “[...] a palavra torna-se material do enunciado” (MEDVIÉDEV, 2012[1928]) apenas como expressão ideologicamente marcada da valoração/avaliação social. “A avaliação social estabelece sempre uma ligação orgânica entre a presença singular do enunciado e o caráter geral de seu sentido” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.190).

### 3. A VALORAÇÃO/AVALIAÇÃO SOCIAL, A EXPRESSIVIDADE E O ESTILO: ESPAÇO DA MATERIALIZAÇÃO DAS IDEOLOGIAS

A noção de enunciado é um dos conceitos mais caros ao Círculo, sendo concebida como a própria unidade da comunicação discursiva, pois “aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)” (BAKHTIN, 2003[1979], p.283). A língua se concretiza por meio de enunciados<sup>6</sup>, proferidos nas situações de interação discursiva por sujeitos socialmente constituídos. O discurso só existe, de fato, na forma de enunciações concretas dos interlocutores nas diferentes situações de interação (SILVA, 2012).

O enunciado como a unidade real da comunicação pode ser concebido a partir de três características fundamentais: (a) a alternância dos sujeitos do discurso; b) a conclusibilidade específica do enunciado; e (c) a expressividade<sup>7</sup>.

É, pois, na expressividade dos enunciados, que o analista pode observar a entonação, a valoração/avaliação social, o modo como as ideologias (oficiais ou do cotidiano) refratam os modos sociais de perceber o mundo. Em outras palavras, os modos como as avaliações sociais, construídas nos grupos sociais, refratam-se nos signos são mais “visíveis” na expressividade dos enunciados. Isso porque o aspecto da expressividade está ligado à posição axiológica dos interlocutores em dada situação de interação frente aos objetos de discurso e de sentidos, ao auditório da interlocução e seus discursos (os discursos já-ditos e os pré-figurados) (SILVA, 2012).

A relação valorativa do falante determina, inclusive, as escolhas lexicais e gramaticais [estilo] e composicionais [conteúdo composicional] do enunciado (BAKHTIN, 2003[1979], p.289). Ademais, a expressividade está ligada à entoação que, para Volochínov (2013 [1926] p. 82, grifos do autor), “[...] sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não

---

<sup>6</sup> Apontamos aqui o conceito de enunciado postulado pelo Círculo de Bakhtin e não aos sentidos outros atribuídos a esse termo nas demais áreas dos estudos linguísticos. A diferenciação teórica imbricada no termo ‘enunciado’ no interior dos estudos de diferentes áreas da Linguística foi empreendida por Rodrigues (2005), por Brait (2007) e outros.

<sup>7</sup> As particularidades do enunciado já foram amplamente discutidas nas pesquisas de abordagem dialógica, tais como em: Rodrigues (2005); Acosta-Pereira (2012) e Silva (2012). Nesse artigo, nos deteremos na noção de expressividade, tendo em vista ser o lugar da materialização dos matizes valorativos nos enunciados.

*dito*". É, portanto, na entoação que se marca a acentuação valorativa dos falantes no enunciado (SILVA, 2012).

Ainda, nas palavras de Volochínov, a orientação social ou valoração/avaliação social incide na construção do enunciado: "a orientação social da enunciação tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística" (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p.190).

A partir dessa noção de expressividade, é possível estabelecer uma relação produtiva entre expressividade do enunciado e o conceito de estilo de Bakhtin, quando teoriza o gênero discursivo. Isso porque, na elaboração teórica do Círculo, o estilo é concebido como um dos elementos constitutivos dos enunciados de gêneros (os demais são: conteúdo temático e composição). Conforme Bakhtin (2003[1979], p.262), o estilo se caracteriza pela "seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua [...]", no caso dos enunciados verbais. Trata-se, pois, da relação do gênero, do sujeito e do seu enunciado com os usos sociais da linguagem.

Todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade<sup>8</sup> do falante na linguagem, ou seja, ser mais marcado por um estilo individual (BAKHTIN, (2003[1979])). No entanto, nem todos os gêneros possibilitam a expressão do estilo individualizado. Alguns gêneros, como os gêneros da esfera da arte, têm a particularidade de permitir que os enunciados reflitam um estilo mais individualizado, o estilo do autor, uma vez que esse estilo individual faz parte das finalidades dos gêneros literários. Já outros gêneros têm como característica principal a padronização e eliminação de marcas individuais, como, por exemplo, gêneros da esfera administrativa, militar e científica. Em outros termos, todo gênero tem um estilo e variam entre estabilidade e flexibilidade.

Assim, em primeira instância, é preciso considerar a noção de gênero discursivo, uma vez que o estilo e o tema atendem às coerções do gênero, fazendo parte do estilo do gênero, de modo que o estilo de um enunciado pertence a um determinado gênero de discurso. No entanto,

---

<sup>8</sup> Vale destacar que a individualidade, na perspectiva dialógica, é também um construto social, ideológico e valorativo. Sobre isso Faraco escreve: "a consciência individual toma forma e existência à medida que interioriza os signos sociais" (FARACO, 2009, p. 151). Ademais, é preciso considerar que as formas de subjetivação do sujeito são instauradas no âmbito da relação de alteridade em que um eu só se constitui como ser na base de um tu. Assim, tudo que é conteúdo vivido e concretizado verbalmente (ou por outro material semiótico) passa, necessariamente, pela relação eu/outro, o que remete às relações dialógicas.

segundo Puzzo (2015), a inflexão do sujeito-enunciador possibilita variações, flutuações em função do seu tom avaliativo e das condições de produção. Sob esse aspecto, o gênero não se estrutura numa camisa de força, sendo por isso considerado como “relativamente estável” (BAKHTIN, 2003[1979]), pois ele acompanha as situações de interação e as necessidades de comunicação que delas emergem. Na visão de Puzzo (2015), o estilo não se reduz ao gênero, ao passo que apresenta peculiaridades próprias de cada interlocutor em função do seu querer dizer – do seu projeto enunciativo. É num movimento interacional e responsivo que o estilo se constitui, tanto no que diz respeito ao gênero discursivo, quanto no que diz respeito ao objetivo de discurso. Aqui entra a noção de entonação ou acentuação valorativa como expressão dessa individualidade do sujeito em função do seu querer dizer, do seu modo de se posicionar frente aos temas-objetos de discurso. Isso gera/prodiz certos tons avaliativos, certos matizes valorativos em seus enunciados.

O estilo está ligado ao elemento expressivo que, por sua vez, compõe o enunciado. O estilo aponta para uma posição axiológica dos interlocutores em dada situação de interação frente aos objetos de discurso e de sentidos e ao auditório da interlocução. Trata-se da relação subjetiva e valorativa do enunciador com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Para Bakhtin (2003[1979]), não há enunciado neutro, uma vez que em cada enunciado há um autor, que se posiciona de um dado horizonte social e apreciativo. Segundo Silveira; Rohling e Rodrigues (2012), a expressividade é a materialização dos valores sociais e apreciativos nos enunciados, e pode ser marcada de forma mais ou menos intensa o enunciado. Essa variação se dá em função: (1) da relação do autor com o objeto do discurso (como ele o valoriza, como se posiciona frente a ele); (2) da esfera da comunicação a que ele se vincula; (3) dos interlocutores aos quais o enunciado se dirige; (4) dos enunciados já-ditos, ou seja, aqueles enunciados que o antecederam, com os quais ele dialoga. Conforme Bakhtin (2003[1979], p.298, grifo do autor), “A expressão do enunciado, em menor ou maior grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado”. É nesse espaço da expressividade que o estilo individual atua, muitas vezes forçando ou alargando o estilo do gênero, apresentando novas formas de produção discursiva, novos modos de concretização dos gêneros o que nos remete a noção de plasticidade dos gêneros.

Ainda sobre estilo, vale destacar que Rojo (2013), considerando o caráter do texto-enunciado contemporâneo (multissemiótico), propõe ampliar a noção bakhtiniana de estilo de

modo a ser concebida como unidades semióticas (estilo). Corroborando com Rojo (2013), a atualização desse conceito pode ser produtiva na análise de diferentes materialidades linguageiras, uma vez que se acentua o caráter multissemiótico das textualidades contemporâneas.

A partir dessas considerações, apresentamos em nossa próxima seção uma discussão em torno da noção de elaboração didática, buscando mobilizar aspectos engendrados à ideologia e valoração/avaliação social, expressividade e estilo em textos-enunciados.

#### **4. UM OLHAR PARA A VALORAÇÃO/AVALIAÇÃO SOCIAL, A EXPRESSIVIDADE O ESTILO EM UMA ELABORAÇÃO DIDÁTICA**

Nessa seção o objetivo é mostrar caminhos para compreender aspectos relacionados à ideologia e à valoração/avaliação social a partir de uma determinada materialidade textual-enunciativa. Na intrínseca relação entre ideologia, valoração/avaliação social e a expressividade do enunciado e o estilo do gênero, vale destacar peculiaridades da noção de estilo no espaço escolar, que demanda uma série de considerações. Ao pensar estilo e expressividade nas práticas escolares, é preciso levar em conta aspectos relacionados à elaboração didática do professor e aos modos de inserir os gêneros discursivos de outras esferas de produção e circulação no espaço na interação pedagógica para fins do trabalho com as práticas de leitura, de produção textual e de análise linguística/semiótica.

A seguir apresentamos uma longa citação de Bakhtin cujo emolduramento se justifica tendo em vista que Bakhtin já problematizava, nos anos de 1940 na Rússia, a relação entre o processo de escolarização e a expressividade na escrita dos jovens estudantes.

Os professores de língua russa conhecem por experiência que a produção escrita dos alunos normalmente sofre uma mudança muito abrupta. Nas séries iniciais, não há diferença significativa entre produção escrita e falada das crianças. Eles [...] utilizam a língua de modo bastante livre; por isso, a linguagem desses trabalhos, embora nem sempre correta, é viva, metafórica e expressiva; a sintaxe das crianças aproxima-se da fala; [...] embora de modo desajeitado, expressa-se a individualidade do autor a linguagem ainda não está despersonalizada. Depois acontece uma mudança brusca. [...]. Os alunos começam a escrever usando uma linguagem estritamente literária e livresca. Eles tomam como modelo a linguagem uniformizada dos manuais de literatura [...]. Os alunos passam

a ter receio de qualquer expressão original, qualquer locução diferente dos padrões livrescos [...]. Eles escrevem para a leitura e não põem o texto escrito à prova da **voz**, da **entonação** e do **gesto**. É verdade que a sua linguagem torna-se mais correta do ponto de vista formal, mas ela é privada de **personalidade**, de **cor** e de **expressividade**. (BAKHTIN, 2013, p.41, grifos nossos)

Da citação supracitada, destacamos termos como *expressividade*, *gesto*, *personalidade* que estão ligados ao estilo e são apontados por Bakhtin como elementos ausentes na escrita da juventude conforme avança o processo de escolarização. Essa questão apontada por Bakhtin é contemporânea na escola brasileira em que estamos sempre em volta do debate sobre como desenvolver, nas práticas de ensino e de aprendizagem da linguagem, o estilo, uma voz, um tom mais autoral nos textos-enunciados na escola.

Assim, entendemos que a dimensão do estilo (da voz, da autoria, do gesto de leitura) seja talvez ainda pouco trabalhada e focalizada nas práticas de leitura e escrita na escola, sobretudo, no momento da reescrita. E ao focalizar o estilo – surgem uma série de problematizações: Onde está o estilo no texto-enunciado escolar? É possível ainda um espaço para esse estilo mais pessoal? Para uma certa expressão de um sujeito que diz frente aos objetos de discurso que são tematizados na escola. Ou a escrita na escola responde, de modo mais saliente, aos padrões do gênero no âmbito composicional e formal? Como o tema, na relação com a situação de interação mais imediata, pode possibilitar uma forma expressiva diferenciada?

Essas problematizações são inerentes das práticas pedagógicas e remetem à elaboração didática do professor. Cabe neste momento, explicitarmos nossa compreensão sobre a prática de elaboração didática. Diferentemente da posição de Chevallard (1991) sobre *transposição didática*, Halté (2008 [1998]) propõe o conceito de *elaboração didática* que, dentre outras questões, visa a distanciar-se do apagamento em que se caracterizam as posições do professor e do aluno à luz da teoria da transposição. Assim, diferentemente de transpor conhecimentos de ordem científica para o campo escolar – da ordem do saber sábio para o saber ensinado -, contempla-se o trabalho de *coconstrução de saberes* de múltiplas ordens, em eventos praxiológicos nos quais professor e aluno assumem papéis agentivos, situando o acontecimento da aula em um projeto didático, no qual o saber ensinado converge com escolhas, com objetivos compartilhados, com os conhecimentos prévios e com especialidades afins (HALTÉ, 2008 [1998]),

p.139), caracterizando a elaboração didática como um agenciamento de saberes empreendidos para a ação didático-pedagógica (ACOSTA PEREIRA, 2014). Segundo Halté,

Pelo fato de fixar a atenção apenas sobre o polo dos saberes, a transposição facilita, e até legítima, a “deriva para os objetos de ensino”, em detrimento de outros pontos importantes do famoso triângulo. Pelo fato de definir um processo descendente, do saber científico para o saber escolar, ela favorece –até mesmo preconiza -o aplicacionismo. Pelo fato de organizar-se a partir de saberes distribuídos academicamente em campos constituídos, ela purifica os objetos de ensino ao preço de uma perda de sentido pelos aprendizes etc. Por essas razões, eu havia defendido uma didática globalmente praxiológica, caracterizando-se, em relação aos saberes, por uma metodologia implicacionista que eu nomeei elaboração didática dos saberes. (HALTÉ, 2008 [1998], p.138, grifo do autor).

Ao elaborar didaticamente conhecimentos de referência dos gêneros do discurso na escola, o professor também trabalha com as dimensões social e verbo-visual dos gêneros. De modo que a elaboração pode salientar determinados aspectos em detrimento de outros, Rodrigues (2008) aponta os seguintes procedimentos metodológicos ao trabalhar com a noção de gêneros:

- 1º Busca de conhecimento de referência sobre o gênero do discurso;
- 2º Seleção de texto-enunciados do gênero do discurso;
- 3º Prática de leitura do texto-enunciado-enunciado do gênero do discurso;
- 4º Prática de leitura-estudo dos texto-enunciados do gênero do discurso (prática de AL 1);
- 5º Prática de produção textual;
- 6º Prática de reescritura de texto-enunciados (prática de AL 2).

Além disso, retomamos as discussões de Acosta Pereira (2014) acerca de questões de ancoragem para a análise de textos-enunciados à luz do imbricamento entre as dimensões social e verbo-visual. Para o autor, para uma análise da *dimensão social*, o professor pode, dentre outras questões, compreender (ACOSTA PEREIRA, 2014, p.13-14):

- Qual a razão desse texto-enunciado ser escrito?
- Qual a esfera em que esse texto-enunciado é produzido e quais as características dessa esfera?
- O texto-enunciado é produzido na esfera sob a baliza de qual instituição?

- Quem escreve o texto-enunciado? E como a autoria se projeta no texto-enunciado?
- Onde circula esse texto-enunciado?
- Por quanto tempo circula? Esse tempo-espaço de circulação traz efeitos de sentido para o texto-enunciado?
- Em que suporte circula [...]?
- Em qual mídia é publicado?
- Em qual seção? Como se caracteriza o espaço de publicação?
- Quando e onde [...] foi publicado?
- A quem se destina? Qual o público-leitor em potencial? Como se projeta o interlocutor no texto-enunciado?
- Como se caracterizam os aspectos de diagramação (layout)? Intercalam-se gêneros outros?

Para uma análise da *dimensão verbo-visual*, o autor elenca algumas questões, tais como (ACOSTA PEREIRA, 2014, p.14-15):

- Sobre o que trata o texto-enunciado?
- Que valores (posições avaliativas, ideológicas) são marcados nesse dizer?
- Que relações esse dizer estabelece com outros dizeres?
- Que outras formas o conteúdo temático pode(ria) ser dito?
- Qual o projeto discursivo do autor?
- Quais recursos lexicais, gramaticais, textuais estão sendo agenciados para realizar o projeto discursivo do autor à luz do gênero em tela?
- Como o texto-enunciado orchestra a projeção composicional [textual] do gênero em tela?
- Como os elementos visuais se correlacionam com os verbais para a construção de sentidos? Há gêneros multissemióticos intercalados? Qual a relação de sentido com o texto-enunciado em tela?

Nesse encaminhamento, a observação da dimensão verbo-visual do estilo, atravessada pelas ressonâncias da dimensão social, está presente tanto na prática de leitura dos enunciados, quando é apontado para o aluno as marcas estilísticas e autorias nos texto-enunciados, como também na prática de escrita e reescrita de texto-enunciado. No momento da leitura-estudo do enunciado, é importante chamar atenção dos estudantes para aspectos estilísticos que compõem o gênero discursivo em tela. O segundo momento em que a dimensão estilística se destaca é na fase de reescrita de texto-enunciados produzidos ao longo da elaboração didática de determinado gênero discursivo.

Nessa fase, a partir da avaliação/observação dos texto-enunciados produzidos, o professor organiza sua aula de modo a explorar com os estudantes aspectos discursivos, textuais

e linguísticos que foram salientes nas produções dos estudantes. É importante destacar, nesse momento de interação com os estudantes, tanto os modos de apropriação do gênero discursivo em estudo como também as dificuldades apresentadas em suas produções no tocante às regularidades de gênero (o que inclui aspectos relacionados ao *conteúdo temático*, à *construção composicional* e ao *estilo* do gênero analisado).

Os pressupostos metodológicos para essa ação podem ser variados<sup>9</sup>: a) pode-se trabalhar com os texto-enunciados dos próprios estudantes na revisão e na proposição de novas formulações (aspectos ligados às regularidades de gênero; reconstrução de períodos/frases; a questão da adequação vocabular; questões de referenciação; aspectos ligados à coerência e coesão etc.); b) pode-se trabalhar a partir da identificação das dificuldades gerais do grupo em termos de sistematização do texto-enunciado escrito, é possível propor atividades gramaticais mais focais. E, ao final da elaboração, possibilitar a reescrita da produção, tomando como parâmetro a reflexão realizada sobre elementos mais pontuais da sua própria produção.

A seguir, é proposto, a título de exemplo dessa relação entre ideologia, valorização/avaliação social, expressividade e estilo, uma elaboração à luz da análise de escritas produzidas em situação de elaboração didática (HALTÉ, 2008 [1998]) no espaço da formação inicial de professor de Língua Portuguesa (doravante LP). A proposta é produzir um projeto didático que articulasse os eixos de ensino-aprendizagem de LP: leitura, produção de texto-enunciados e análise linguística/semiótica. Os pressupostos metodológicos adotados foram, conforme mencionados: 1º Busca de conhecimento sobre o gênero; 2º Seleção de texto-enunciados do gênero; 3º Prática de leitura do texto-enunciado-enunciado; 4º Prática de leitura-estudo dos texto-enunciados do gênero (prática de AL 1); 5º Prática de escrita; 6º Prática de reescrita de texto-enunciados (prática de AL 2) conforme proposto em Rodrigues (2008). A proposta apresentada é mediada por meio do Curta metragem: “Vida Maria”<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Sobre a reescrita ver o texto “A Revisão de Textos na Formação Docente Inicial” de Menegassi (2013).

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4&t=80s](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&t=80s). Acesso em: 20 de maio de 2018. Segundo a descrição na apresentação do curta-metragem, “Vida Maria” trata-se de um projeto premiado no “3o. PRÊMIO CEARÁ DE CINEMA E VÍDEO”, realizado pelo Governo do Estado do Ceará. Produzido em computação gráfica 3D e finalizado em 35mm, o curta-metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no Sertão Cearense, no Nordeste do Brasil. Cria uma atmosfera realista e humanizada. Conquistou mais de 50 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais. Dirigido por Márcio Ramos e conta a história de Maria José, uma menina de 5 anos de idade que é levada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos, envelhece.

**Imagem 01:** Vídeo “Vida de Maria”



Fonte: Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4&t=80s](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&t=80s)

Com base nas considerações *teórico-metodológicas* do trabalho com os gêneros do discurso proposto por Rodrigues (2008) e Acosta Pereira (2014) na elaboração didática Halté (2008 [1998]), e as explicações sobre ideologia e valoração/avaliação social nas seções anteriores, elencamos possibilidades de trabalho a partir de questionamentos/questões que professor pode considerar na elaboração de atividades que integrem leitura, produção de textos e análise linguística/semiótica.

1. Como a relação tempo-espaço é marcada ideológico e valorativamente na narrativa do curta?
2. Como aspectos ideológicos e seus recortes valorativos/avaliativos sinalizam para sentidos singulares nas situações de interação discursiva textualizadas na narrativa do curta?
3. Como as relações interpessoais e as posições sociais assumidas pelas personagens marcam atravessamentos ideológico-valorativos/avaliativos?
4. Quais as marcações ideológico-valorativas de lutas de classes textualizadas na narrativa?
5. Quais as projeções ideológicas e os seus recortes valorativos que balizam o conteúdo temático do curta?
6. Como essa ideologia e seu tom valorativo/avaliativo mobilizam certos recursos estilísticos lexicais, gramaticais e textuais na voz das personagens?

7. Como essa ideologia e seu tom valorativo mobilizam certos recursos visuais na narrativa do curta?
8. Como a orquestração e o (relativo) acabamento composicional das imagens demarcam posições ideológicas e nuances valorativas/avaliativas?
9. Como conteúdo temático, estilo e a composicionalidade do curta agenciam forças ideológico-valorativas de estratificação social?
10. Como o curta representa (reflexiva e refrativamente) uma realidade social dentre várias?

Ademais, em termos *didático-pedagógicos*, um trabalho com as práticas de linguagem ancorado numa abordagem enunciativo-discursiva à luz dos gêneros do discurso, ratifica:

1. Uma prática docente que considera a linguagem como prática social;
2. Um trabalho com a linguagem sob a baliza das situações de interação discursiva;
3. Um trabalho que articula práticas de leitura, de produção de textos e de análise linguística/semiótica de forma integrada e articulada a textos-enunciados típicos relativamente estáveis;
4. Um trabalho com a linguagem que contempla suas feições sociais, históricas e culturais.
5. Um trabalho com a linguagem que contempla suas feições ideológicas e valorativas/avaliativas.

Para Miotello (2007), pensar ideologia sempre em termos da ideologia dominante é prender-se a uma posição dominada, apática, opaca e desigual na luta. Ao contrário, Bakhtin propõe a existência de uma arena dialógica, congregando esses conjuntos ideológicos (ideologia oficial e ideologia do cotidiano estabilidade relativa e instabilidade relativa), marcados nos signos ideológicos (MIOTELLO, 2007).

De modo que os termos ideologia, ideologias, ideológico no conjunto teórico do Círculo não remetem, nessa perspectiva, a um sentido negativo, restrito, sendo inadequado ler como “mascaramento” do real” (FARACO, 2009). Nessa elaboração, o termo assume sentido de – visão de mundo, sistemas de crença, ponto de vista, conjunto de valores, conforme já discutido por Faraco (2009; 2013). A ideologia é usada para englobar o universo da arte, da ciência, da filosofia,

do direito, da religião, da ética, da política, enfim, todas as manifestações das superestruturas da criatividade intelectual humana (FARACO, 2009).

Nossa proposta para uma elaboração didática retoma, dentre outras questões, exatamente essa postura frente ao discurso: língua viva, concreta e atravessada dialogicamente pela arena de formas de compreender e apreender a realidade social, valores, historicidades, marcados pela ideologia e valoração/avaliação social. Não objetivamos apresentar um modelo didatizante nem prescritivo de trabalho com a elaboração didática (e nem poderíamos, dada nossa filiação teórico-metodológica), mas visamos a seguir um caminho propositivo com possibilidades, que são, por natureza, potenciais e abertas à (res)significação.

## 5. ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES

Neste artigo, revisitamos conceitualmente e apontamos a produtividade do conceito de *ideologia e valoração/avaliação social* no âmbito dos estudos do discurso. Além disso, ressaltamos que, no âmbito dos escritos do Círculo e das pesquisas contemporâneas em Análise Dialógica do Discurso, a ideologia apresenta uma materialidade sígnica que pode ser analisada a partir da relação entre a noção de expressividade do enunciado e estilo do gênero. Em suma, é por meio de uma análise semântica fina com enfoque no estilo, no tom, nos gestos de leitura que se podem observar a refração ideológica, e os matizes valorativos que se materializam no signo. Questões que podem ser retomadas na elaboração didática.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A análise de textos-enunciados como prática precedente à elaboração didática. *Intersecções (Jundiaí)*, v. 07, p. 04-23, 2014.

ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, Rosangela Hammes; COSTA-HUBES, Terezinha. O estudo dos gêneros do discurso sob a perspectiva dialógica da linguagem: considerações sobre cronotopo, ideologia e valoração. In: Elvira Lopes Nascimento; Vera Lúcia Lopes Cristóvão; Eliane Lousada. (Org.). *Gêneros de texto/discurso: novas práticas e desafios*. Campinas - SP: Pontes, 2019, v. 01, p. 349-370.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].



BAKHTIN, Mikhail M. O Freudismo: um esboço crítico. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009[1927].

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. Diálogos com Bakhtin 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 61-80.

CHEVALLARD, Yves [1991]. La transposición didáctica. Traducción de Claudia Gilman. 3. ed. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Paraná: Criar edições, 2003. p. 45-108.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. IN: PAULA, Luciane de; STAFUZZA,, Grenissa(orgs.). Círculo de Bakhtin: pensamento interacional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p.167-182.

HALTÉ, Jean-François [1998]. O espaço didático e a transposição. Tradução de Ana Paula Guedes e Zélia Anita Viviani. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 2, n. 5, 2008.

MEDVIÉDEV, Pável. O método formal nos estudos literários. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [1928].

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, B (Org.). Bakhtin: Conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 167-176.

PONZIO, Augusto. A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução do italiano por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

PUZZO, Miriam Bauab. Gênero discursivo, estilo e autoria. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/105646/106258>. Acesso em: 10/10/2018.

ROJO, Roxane. Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos. IN: ROJO, Roxane (org.) Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs – 1.ed – São Paulo, SP: Parábola, 2013. p.13-36.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Désirée. (Org.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Pesquisa com os gêneros do discurso na sala de aula: resultados iniciais. Acta Scientiarum Language and Culture. v.3. n. 2, p. 169-175, 2008. Disponível em: <

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6004/6004>> Acesso em: 24/06/2018.

SILVA, Nívea Rohling da. A atuação do professor de Língua Portuguesa discursivizada por licenciandos na educação a distância: o embate entre o discurso da tradição e o discurso teórico. Tese de Doutorado. UFSC. 2012. p.382.

SILVEIRA, Ana Paula. ROHLING, Nívea. RODRIGUES, Rosângela Hammes. A Análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos de letramento: glossário para leitores iniciantes. Florianópolis: DIOESC, 2012.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017 [1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013 [1930]. p.173.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926). In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013 [1930]. P. 71-100.

### **Rodrigo ACOSTA PEREIRA**

Professor de Linguística Aplicada na UFSC. Doutor em Linguística Aplicada pela UFSC. Pós-doutor em Linguística Aplicada na PUC-SP.

### **Nívea ROHLING**

Professora de Linguística Aplicada na UTFPR. Doutora em Linguística Aplicada na UFSC.

*Recebido em 11/10/2019 - Aceito em 31/05/2020*